

LANGER, ERICK D.. EXPECTING PEARS FROM AN ELM TREE: FRANCISCAN MISSIONS ON THE CHIRIGUANO FRONTIER IN THE HEART OF SOUTH AMERICA, 1830 – 1949. DURHAM NC: DUKE UNIVERSITY PRESS, 2009, 375P.

ERIK PETSCHELIES *

O importante estudo de Erick Langer – professor do Centro de Estudos Latino-Americanos na Universidade de Georgetown (EUA) – visa preencher um hiato epistemológico nos estudos historiográficos sobre a atuação de missões religiosas na América do Sul, a saber, durante o período eminentemente pós-independência, ao mesmo tempo em que amplia de forma diacrônica o conhecimento etnográfico acerca da experiência missionária entre os povos indígenas. O autor concentra-se nas missões franciscanas localizadas em território dos índios Chiriguano no Chaco boliviano, na fronteira com a Argentina e o Paraguai, falantes de Guaraní que devem ter emigrado do território brasileiro antes ou no início da colonização. A narrativa de Langer tem o mérito de cobrir uma região geográfica extensa e um período relativamente longo – que se inicia com o estabelecimento da primeira missão franciscana, em 1830, e se encerra com a secularização definitiva das missões em 1949, quando transformadas em cooperativas de agricultura – e conturbado, dadas as complicações políticas decorrentes da proclamação da república boliviana; que ocorreu juntamente com a independência; os inúmeros conflitos de interesses entre colonos, governos, índios e religiosos, além da devastadora Guerra do Chaco (1932-35), entre o Paraguai e a Bolívia, em que o Chaco boreal, região petrolífera, foi disputada.

O livro se insere em uma recente mudança do objeto de pesquisa, em que a missão torna-se o objeto etnográfico como espaço para discussões acerca da organização social das populações nativas, das relações sociais e das transformações religiosas, não apenas como a moradia dos povos catequizados e o local em que a pesquisa ocorre. O domínio da bibliografia histórica e etnológica a

respeito dos povos chaquenhos cria um debate com a antropologia, demonstrando a metodologia usada pelo autor, alinhando um enfoque microscópico, concentrando-se nas relações sociais entre os diversos agentes sociais, cuja diversidade foi de fundamental influência no desenvolvimento das missões, e uma análise macroscópica em que as missões inseriam-se em políticas públicas modificadas de acordo com os interesses do Estado.

Langer evita assim uma ênfase exacerbada nas missões em si, seja pela catequese como forma de expansão colonial europeia (embora isso seja tematizado, mas não excessivamente abordado), como salvacionismo heroico de almas selvagens, ou como a vitimização dos índios. O autor não dilui as missões em seu contexto histórico, nem cria um determinismo histórico em que as missões seriam a expressão religiosa de um movimento político. Ao invés disso, ele as mostra como um fator importante no período pós-independência, em que motivações distintas precisam ser analisadas. É impossível entender a expansão e o declínio do sistema missionário sem compreender a multiplicidade de interesses no projeto catequético e o resultado sociocultural da interação entre índios e não índios.

As missões franciscanas se localizavam na região fronteira, que ao invés de ser vista como um espaço de segregação é considerada uma área de integração de culturas distintas. Assim, as constantes relações, alianças, trocas e conflitos entre colonos criollos, agentes dos poderes regionais, índios e religiosos eram fatores constituintes das missões. Além disso, Langer demonstra como o sistema de missões passa por fases de nascimento, crescimento e declínio (o “ciclo de vida” das missões), e de que forma isso alterava o controle dos índios pelos missionários e seu poder de negociar com colonos e autoridades.

* Possui bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2009) e mestrado em antropologia social (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, no IFCH/Unicamp), com pesquisa sobre a transformação do regime cosmológico dos índios Kadiwéu (MS). Atualmente é aluno de doutorado no IFCH/Unicamp, com pesquisa sobre a etnografia de língua alemã sobre os povos indígenas das Terras Baixas Sul-Americanas, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

A maior parte do livro narra as motivações dos franciscanos de estabelecerem uma missão na fronteira, os interesses do Estado e dos colonos em apoiá-los e os motivos dos índios em se integrarem, e de que forma as relações entre esses personagens se deterioraram ao longo da existência das missões. Houve três gerações de franciscanos, a maior parte italiana, cujas influências pessoais formaram o ideal de missões aplicado no Novo Mundo. Enquanto a Europa do século XIX passava por uma crise religiosa, em particular o Risorgimento na Itália com os avanços de políticas liberais e anticlericais de republicanos que pretendiam unificar a península, ao passo em que a Igreja Católica se tornava mais conservadora, os jovens frades viam nas Américas uma forma de arrebanhar fiéis e evitar a secularização da política. A primeira geração de franciscanos, que chegou à Bolívia entre 1834 e 1844, foi influenciada pelas guerras napoleônicas e a subsequente reação da Igreja e pelas ideias de Jean-Jacques Rousseau acerca do bom selvagem e da infinita possibilidade de aprendizado das crianças. O bom selvagem para os franciscanos seria um índio cristão, pois sem o conhecimento de Deus e a aceitação dos padres como divinos representantes os índios seriam apenas bárbaros. O principal representante dessa geração foi o Fr. Giuseppe Giannelli, que com seu ímpeto heroico fundou as primeiras missões e determinou as diretrizes catequéticas, cuja ênfase era nas crianças, ao contrário do batismo universal jesuítico. Eram adeptos de um processo de aprendizado prático denominado de incivilimento, através do qual o exercício de artes práticas (como marcenaria) era uma maneira de civilizar os índios e integrá-los à sociedade nacional na forma de trabalhadores especializados, originando uma catequese denominada pelo autor de bricks and souls (tijolos e almas). Civilizar os índios era a principal meta dos missionários, não apenas para torna-los cristãos, mas cidadãos bolivianos economicamente produtivos¹.

A segunda geração de religiosos chegou

1. Aproximadamente na mesma época (primeira metade do século XIX) no Brasil as missões religiosas também passaram a ser administradas por religiosos franciscanos. Todavia, no caso brasileiro, essa função era desempenhada pelos Capuchinhos (Ordem dos Frades Menores, também franciscana). Com características de organização política e religiosa semelhantes (Gonçalves, 1997: 60), os capuchinhos foram incumbidos em catequizar os povos indígenas do Baixo Paraguai (território parte da Capitania de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul), sobretudo os Guaná e os Guaikuru, aproximadamente a partir de 1817, ano da chegada de Frei Macerata em Cuiabá (Mesquita, 1928: 14). O Baixo Paraguai também era uma região fronteira, e parte dele era território chaquenho. Se se considerar que o Chaco pode ser considerado um melting pot (Carvalho, 1992), uma região de intensa atividade cultural, social e econômica, marcado pelas relações entre povos culturalmente semelhantes, não é de se estranhar que o projeto civilizatório-catequético pensado para estes povos fora entregue pelos poderes coloniais na mesma época aos franciscanos, os missionários mais rigorosos e obedientes.

entre 1852 e 1864, dos quais o mais importante frade era Doroteo Giannecchini. Na Itália a supressão de conventos deve ter estimulado a migração aos países sul-americanos e o intuito de promover uma aliança com o Estado nos países em que os religiosos se instalavam. Fr. Bernardino de Nino foi o principal frade da terceira geração de franciscanos, que chegou entre 1872 e 1874, e se caracterizou por estar mais propenso a combater o anticlericismo e a sentir empatia pelos índios.

Langer mostra dessa forma que a religião católica não é um monolítico avesso a transformações internas². Ao mesmo tempo, ideais comuns aos franciscanos enquanto ordem religiosa, explicam seu sucesso junto aos Chiriguano. O voto de pobreza e a ausência de propriedade privada dos religiosos cativavam os índios, pois na própria cultura chiriguana, tal como em muitas sociedades Tupi, a chefia se caracterizava pela retórica (o que foi muito bem compreendido no Brasil Colônia do século XVI pelos jesuítas, sobretudo o Pe. José de Anchieta) e pela generosidade, explicitada pela doação de objetos pessoais. O fracasso das missões jesuítas na Bolívia é visto pelo autor não apenas pelas afinidades eletivas entre indígenas e missionários, mas também pelo objetivo jesuítico de transformar as missões em unidades produtivas, ao passo em que os franciscanos primavam pela subsistência.

Ao relatar as tensões e negociações entre os diversos atores sociais, Langer mostra os interesses dos Chiriguano em se unir às missões, sobretudo para continuar sobrevivendo culturalmente, apartados das explorações dos colonos. Dessa forma, parte dos índios jamais se converteu, e muitos apenas em seu leito de morte. O título do livro (em tradução direta, “esperando peras de um olmeiro”) demonstra a insatisfação relatada pelo Fr. Bernardino de Nino com a conversão indígena. Mesmo nas missões os chefes indígenas eram influentes, sobretudo através de suas relações com os colonos bolivianos e fazendeiros argentinos que requisitavam a mão de obra dos Chiriguanos em suas plantações de cana-de-açúcar. A história de Mandeponay, o mais influente líder Chiriguano, que se converteu apenas em seu leito de morte, é amplamente explorada pelo autor, como figura intermediária nas transações políticas na fronteira. Assim, inicialmente, o estabelecimento das missões é resultado de múltiplos interesses e teve como meta política pacificar os índios que

2. Embora metodologicamente Langer demonstre isso através de uma análise diacrônica das motivações de atores sociais provenientes de uma mesma ordem religiosa, recentemente a antropologia vem tentando mostrar as transformações internas à religião através de uma diversificação etnográfica. Para tanto, ver o livro fundamental de Fenella Cannell (2006) e o clássico de Clifford Geertz (1968), dentre outros.

dominavam a região fronteiriça.

O estabelecimento das missões, mesmo que possibilitasse a aparente manutenção da cultura chiriguana, influenciou diretamente o declínio da independência política dos índios, ao mudar as alianças tradicionais, ou formar acordos com colonos, os quais antes eram opositores. Assim, as missões foram o fator fundamental para encerrar a independência indígena, antes de fatores demográficos como doenças ou migrações sazonais à Argentina, ou o incremento da economia da fronteira. O autor demonstra, através de uma descrição de atividades cotidianas, como os missionários buscaram transformar os índios em “seres civilizados”, para o que a adoção do cristianismo era um fundamento. A história do desenvolvimento econômico entrelaça-se à história dos Chiriguanos e a sua pacificação política está indissociável das suas transformações religiosas.

Nos capítulos finais Langer parece ter perdido o fôlego analítico, concentrando sua narrativa em um sobrevoo descritivo. Nele o autor mostra o impacto da Guerra do Chaco (1932-35) e das mudanças políticas no país (a partir da década de 1950) no sistema missionário (não obstante, Langer demonstra bem a influência de políticas internacionais – como as provenientes das guerras napoleônicas, das batalhas religiosas na Europa, da I Guerra Mundial e da Grande Depressão) e faz comparações com missões em outros países, como no México e nos Estados Unidos. No entanto, a incorporação dos Chiriguano à sociedade nacional e o legado das missões, são debatidos rapidamente, incongruente com o conteúdo denso e convincente da obra, sobretudo porque este período coincide com o fim do ciclo de vida das missões. A conclusão teórica de Langer, é que os missionários franciscanos, apesar de atuarem na era republicana, ao transformar a religião, a cultura e a sociedade indígenas em versões de si mesmos e da elite estabelecida, ainda são remanescentes do colonialismo, o que significa que a ação missionária em si é um ranço dos ideais colonialistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANNELL, Fenella (Org.). *The Anthropology of Christianity*. Durham: Duke University Press, 2006.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura/FAPESP, 1992.

CARVALHO, Silvia M. S.. “Chaco: Encruzilhada de povos e ‘Melting Pot’ cultural”. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.), *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura/FAPESP, 1992.

GEERTZ, Clifford (1968). *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GONÇALVES, Rodolfo Frank. *Filhos de São Francisco e Índios: a ação missionária dos capuchinhos trentinos na noroeste paulista (1890-1920)*. Dissertação de mestrado em História, 1997, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo.

LANGER, Erick D.. *Expecting Pears from an Elm Tree: Franciscan Missions on the Chiriguano Frontier in the Heart of South America, 1830 – 1949*. Durham NC: Duke University Press, 2009.

MESQUITA, Julio de. *O Taumaturgo do Sertão – Frei José Maria de Macerata*. Cuiabá. 1928.